

ARTIGO ORIGINAL

DOI: <http://dx.doi.org/10.18310/2446-4813.2017v3n1p63-70-81>

O cartografar da grande saúde das ruas em “ir vir permanecer”, audiovisual com o jornal Boca de Ruaⁱ

The cartograph of the great health of the streets in “ir vir permanecer” (go come to remain)

Renato Levin Borges

Professor de Filosofia e mestre em Educação.
Escola Municipal de Ensino Fundamental
Rincão.

E-mail: renato_levinborges@yahoo.com.br

Ricardo Burg Ceccim

Professor titular, especialista em Saúde Pública, mestre em Educação, doutor em Psicologia Clínica e Pós-Doutor em Antropologia Médica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Educação.

E-mail: burgceccim@gmail.com

Resumo

O artigo assinala o percurso metodológico de uma pesquisa que buscou o “encontro com a população de rua” e cujo principal produto foi a elaboração de um audiovisual designado por Ir Vir Permanecer. A pesquisa se orientou pelos conceitos e dispositivos éticos da Cartografia, em Deleuze e Guattari, e de Grande Saúde, em Nietzsche. O campo foi o Jornal Boca de Rua, cidade de Porto Alegre/RS, ao sul do Brasil. A pesquisa e o audiovisual expressam caminhos e perspectivas para o criar e experienciar mutuamente as vidas das ruas, assumindo um modo afirmativo de lidar consigo e com o outro no estranhamento e na abertura de margens à diferença. Foi desenvolvido o conceito de “pesquisa-interação”, concluindo-se pela relevância e potência do cartografar como procedimento nos encontros com as vidas das ruas, assim como a postulação destas vidas como afirmativas e criadoras de Grandes Saúdes.

Palavras-chave: Moradores de Rua; Cartografia; Grande Saúde; Pesquisa-Interação; Audiovisual; Boca de Rua, jornal.

Abstract

The article points out the methodological course of a research that sought the “encounter with the street population” and which main product was the elaboration of an audiovisual called “Ir Vir Permanecer” (Go Come To Remain). The research was oriented by the concepts and ethical devices of Cartography, in Deleuze and Guattari, and of Great Health, in Nietzsche. The field was the newspaper Boca de Rua, city of Porto Alegre/RS, at the south of Brazil. The research and audiovisual express ways and perspectives to create and experience each other the lives of the streets, assuming an affirmative way of dealing with oneself and the other in estrangement and the opening of margins to difference. It was developed the concept of “research-interaction”, concluding for the relevance and power of the cartography as procedure in meetings with the lives of the streets, as well as the postulation of these lives as affirmative and creators of Great Health.

Key-words: Street dwellers; Cartography; Great Health; Research-Interaction; Audiovisual; Boca de Rua, newspaper.

ⁱA investigação científica contou com bolsa de mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. O projeto de pesquisa se insere em projetos maiores conduzidos pelo professor orientador.

Introdução

O presente artigo apresenta uma pesquisa que se fez no contato com a população de rua e com sua inclusão em todas as etapas de produção científica, exceto a escrita do “relatório de pesquisa”, destinado às finalidades acadêmicas de divulgação do conhecimento, assim como o presente ensaio. Ainda assim, o produto final mais importante da pesquisa foi a elaboração de um audiovisual, cuja destinação é a população em geral e cuja linguagem é a conversação na rua, também de acesso geral, portanto. O produto audiovisual não é um documentário no sentido comum, assim não tem qualquer pretensão interpretativa e se apresenta ao observador pela potência de interação. A escolha pela população de rua já era a escolha pela discrepância, contatar “o outro” em amplos sentidos. Ao decidir pela pesquisa com a população de rua, passam a habitar nossos horizontes existenciais as seguintes questões: como pesquisar na rua “com” a população da rua – e não “sobre” a população de rua? Como “encontrar” essa população? Entretanto, ainda uma pergunta fundamental: é possível criar conjuntamente? Todas estas questões, e os caminhos tomados a partir daí, foram determinantes à produção do vídeo *Ir Vir Permanecer*¹ e em sua própria possibilidade de existência.

Compreendendo que toda pesquisa carrega em si materiais e métodos, sabemos que carrega posições ético-políticas. Pensamos na pesquisa-ação, aquela em que o pesquisador se engaja em perguntas/temas de pesquisa relevantes ao grupo de destinação dos resultados; pensamos na pesquisa-intervenção, aquela em que o pesquisador constrói interferências na realidade, movendo capacidades coletivas de análise, tendo já descartado todas as modalidades de remessa às representações da realidade. O método por fim foi nomeado ao final, com a matéria daquilo em que se constituiu: “pesquisa-interação”, produção de conhecimento conjunto, por força de exposição

e presença, por partilha de afinidades e porosidades. O primeiro problema a ser resolvido pela não metodologia inicial era da ordem dos encontros: como iríamos encontrar essas vidas? E uma vez que encontrássemos, como proporíamos a criação de “uma visibilidade” (o produto audiovisual que ao final a pesquisa deu origem)?

Sob influência das filosofias de Spinoza, Nietzsche, Bergson, Deleuze, Guattari e Foucault, buscávamos inserir-nos no campo de pesquisa, não para extrair conhecimento – como se o conhecimento estivesse lá aguardando o pesquisador capaz de desvelá-lo –, mas para afetarmos e sermos afetados, isto é, para nos contaminarmos mutuamente e sermos capazes de agenciar criações e conhecimentos conjuntamente. Posto de outro modo: nos sentíamos impelidos à experiência como fundamento e pré-requisito do pesquisar seguindo a premissa nietzschiana citada por Klossowski:^{2:21}

Não teria sido necessário experimentar cem maneiras diferentes de viver para estar autorizado a falar sobre o valor da vida? Enfim, pensamos que é preciso ter vivido de maneira totalmente “antifilosófica” [...], sobretudo [...] para julgar os problemas a partir de experiência vivida.

Uma vez esboçados os problemas que o pesquisar na rua delineava, podemos falar das escolhas metodológicas pelas quais optamos para operar o corte no real que a pesquisa-interação aqui aludida efetuou.

A Instituição Bergsoniana tornada método

Segundo a metáfora platônica que muito agradava a Henri Bergson³ do bom cozinheiro, tomamos a imagem deste que busca efetuar o melhor corte possível na carne para que haja pouco desperdício e que se maximize o aproveitamento do alimento; para tal empresa,

o bom cozinheiro será aquele que fizer o corte seguindo as articulações do animal, tateando suas linhas e não fraturando os ossos. O pesquisador, para ser tal qual o bom cozinheiro da metáfora platônica, precisa operar seus cortes sobre a carne de modo análogo e a escolha da ferramenta pela qual realizará a tarefa possibilitará maior ou menor sucesso em sua empresa. Ao pesquisarmos no plano das vidas da rua onde habita uma miríade de forças e relações, necessitávamos de um método que desse conta da plasticidade dos elementos colocados e reagenciados constantemente por estas existências, e foi na filosofia bergsoniana, mais especificamente em seu conceito de intuição, que fomos encontrar nossa metodologia.

Embora o termo intuição seja usado cotidianamente sob a acepção de certo sentimento difuso, o termo dentro da filosofia bergsoniana possui consistência conceitual. Preliminarmente, aludimos de pronto às palavras de Bergson^{3:120} quando este define brevemente o conceito do seguinte modo: “Intuição significa, pois, primeiramente consciência, mas consciência imediata, visão que quase não se distingue do objeto visto, conhecimento que é contado e mesmo coincidência”.

Demos um passo atrás e aludamos sucintamente onde o conceito emerge e se insere no pensamento de Bergson. Para o filósofo francês o pensamento seria composto por duas propriedades (unicamente distinguíveis para fins elucidativos como deixa claro em sua obra o autor), quais sejam, a inteligência e a intuição. A inteligência seria responsável por criar imagens do real, ou seja, estabilizar artificialmente o fluxo perene e de vir-a-ser contínuo da realidade com vistas à previsão e ação sobre o mundo. Para darmos imagem a esta operação, tomemos o exemplo de como a medicina monitora uma doença: ao especializar a duração de uma doença, efetuando recortes temporais por meio de

exames, por exemplo, o médico estabelece momentos diversos da enfermidade tomando o primeiro exame como estágio 1 de evolução da doença, o segundo exame como estágio 2 e assim sucessivamente. Uma vez que constituiu pontos estanques de algo que é vir-a-ser perene como a doença (tal qual tudo que existe), o médico é capaz de prever e agir sobre a evolução dessa. Neste exemplo, a medicina – que, como toda ciência, é produto da inteligência – opera por criação de imagens estabilizadoras no fluxo do real para assim ser possível, finalmente, prever e agir. Este processo da inteligência é natural e necessário para a subsistência da vida humana, entretanto, Bergson reconhece que gradualmente esta propriedade da inteligência em estancar o real tornou-se o único critério na compreensão e relação com a existência. Para responder a este problema o filósofo esforçou-se na compreensão da intuição como via de acesso direto e não representacional ao real e alargador das possibilidades de pensamento.

Para superar as restrições do representacional, Bergson postula que o pensamento seja composto não só pela propriedade da inteligência, mas também pela intuição: esta estaria além e aquém da inteligência e se enredaria nesta em zonas indiscerníveis de “franjas”, caracterizando-se por ser conhecimento imediato e não representacional do real no plano das forças, inserindo os seres vivos no seio da realidade. É também da natureza da intuição colocar o problema filosófico, dar vida ao que sem esse liame intensivo poderia não vir a ser, conforme afirma Deleuze^{4:9} sobre esta atividade fundamental da intuição, a saber, sua capacidade inventiva: “A invenção dá o ser ao que não era, podendo nunca ter vindo”, isto significa que “colocar o problema não é simplesmente descobrir, é inventar”, ao contrário do que pesquisadores clássicos possam supor: não buscamos desvelar qualquer verdade recôndita sobre a população de rua (nunca há verdades espreitando o olhar aguçado para se darem a conhecer); intentamos

instaurar conjuntamente planos de enunciação e visibilidade em afirmação de modos outros de existir.

Muito embora a distinção das duas propriedades – inteligência e intuição – seja artificial, é importante notar que elas operam por ziguezaguear, contaminando-se mutuamente, negociando entre si infinitamente. Isto significa que a intuição deve galgar algumas ideias e ser capaz de se comunicar através da inteligência. Mas afinal, por que a intuição foi operacionalizada como método para a pesquisa com população de rua? Parece-nos que apenas uma metodologia capaz de lidar com a plasticidade das forças, câmbio permanente de relações de poder e afetos (irrepresentáveis em si), servir-nos-ia para vaziar elementos que escapem às finas malhas do representacional. Que a linguagem tenda a representar está posto, o que não significa que por utilizarmos dela para tratar da população de rua incorramos necessariamente no representacional. Deste modo, outra questão emergiu e afigurou-se decisiva na busca por operacionalizar metodologicamente o conceito bergsoniano: se optássemos por método enredado no representacional, o que seria possível criarmos e fazer vaziar dos encontros que a pesquisa coloca em cena senão o já (pre)visto, a repetição, a cópia, o (re)dito milhares de vezes? Buscando superar esses dois problemas, um da ordem da natureza dos encontros⁵ e outro do que seria possível criar, recorreremos à intuição de Bergson, relacionando-a à cartografia de Deleuze e Guattari como instrumento de inserção, problematização e produção de pesquisa na rua em encontro com as vidas que a compõe.

Cartografando a heterotopia das ruas

A escolha da metodologia é em uma pesquisa o análogo ao momento que o bom cozinheiro de Platão escolhe com quais instrumentos cortará a carne de modo a maximizar o aproveitamento desta, o que significa que na produção de

conhecimento, e em especial em uma pesquisa-interação como esta que produziu o audiovisual *Ir Vir Permanecer*,¹ o método será determinante sobre aquilo que será possível emergir e o que permanecerá obscurecido ou fora do alcance da perspectiva lançada no horizonte do pesquisar. Uma vez que a intuição de Bergson operou metodologicamente como atenção à vida, ou seja, atenção continuada e reafirmada continuamente a determinados aspectos inauditos das vidas das ruas compreendendo que a intuição nos colocaria no plano não representacional das forças, sentimo-nos impelidos a buscar mais algum elemento metodológico que se tornasse dispositivo operador em nossa pesquisa. Nosso interesse fundamental na pesquisa que deu origem ao vídeo *Ir Vir Permanecer* foi o de afirmar “Grandes Saúdes”, ao modo nietzschiano, nas vidas das ruas. Muito embora o conceito de Nietzsche⁶ não seja objeto do presente artigo, podemos definir o conceito sucintamente como modos de existir que criam e se recriam através da abundância de forças plásticas, característica que as vidas em estado limítrofe na rua agenciam continuamente.

Encontramos na cartografia de Gilles Deleuze e Félix Guattari⁷ esta ferramenta que se afigurava necessária para potencializar a intuição como a tomamos no presente trabalho – e, afinal, toda cartografia não carrega em si como motor primeiro a intuição? Tratemos brevemente do conceito deleuziano e guattariano da cartografia para posteriormente aludirmos ao plano de consistência pesquisado, ou seja, as vidas das ruas. A cartografia toma da biologia sua imagem fundamental, indo buscar no rizoma o modelo de pensamento e procedimento metodológico alternativo ao modo hierárquico e arborescente da tradição em pesquisas empíricas, isto porque este método alternativo existe sem centro unificante, atuando, portanto “[...] como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática um princípio inteiramente voltado para uma

experiência ancorada no real.”^{7:21} A cartografia é a feitura de mapa, e ao fazê-lo é necessário percorrer o campo, avaliá-lo, rabiscá-lo, abri-lo e delimitá-lo infinitas vezes. Trata-se fundamentalmente de método plástico que é necessariamente prática que se adequa ao real e ao plano de pesquisa.

Fazemos mapas dos territórios que nos interessam e esse processo difere de uma lista de caminhos percorridos ou da criação de conjunto de placas indicativas deixadas pelo caminho, cartografar é o próprio movimento de criar mapas de pesquisar, de “pesquisação”:

[...] o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social.^{7:22}

Em suma, cartografar como método é um modo de conceber a pesquisa, o plano de encontros e quais forças serão privilegiadas e potencializadas. A cartografia é um dispositivo colocado em funcionamento e este não é universalizável: cada pesquisa e planos de encontros precisam ter a sua própria cartografia, assim como é necessária uma faca diferente para cada tipo de carne a ser cortada, é necessário criar uma cartografia que seja capaz de seguir as articulações de cada real posto em uma pesquisa. Cartografar é, afinal, colocar todas as existências implicadas nos encontros em relação, começando pela do próprio pesquisador.

Passemos, uma vez delimitados os métodos utilizados no pesquisar, ao plano acontecimental da pesquisa, aquilo que denominamos heterotopia das ruas. Em conferência datada em 14 de março de 1967, sob o título “De outros espaços”, Michel

Foucault^{8:411} afirma que o espaço passou a ser mais importante ao pensamento e poderes do Ocidente do que o tempo: “a época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso.” O espaço como mapa, e seu consequente esquadramento e normatização, torna-se para a modernidade plano privilegiado da inflexão dos poderes: todo quadrante deve ser medido, avaliado, vigiado e possuir seus códigos de conduta, suas permissividades e transgressões – exemplo disso é a expectativa que temos sobre o que é permitido e o que não é permitido no que concerne à conduta em um parque público durante o dia, assim como essas relações e expectativas se alteram no mesmo espaço durante a noite.

É sob essa relação de esquadramento do espaço privilegiado pelos poderes na modernidade que se encontram as vidas das ruas, estas que criam bolhas no espaço-tempo, desviantes e desviadas continuamente, existências fronteiriças, vidas nuas conforme o conceito de Giorgio Agamben.⁹ A partir da pesquisa de Foucault afirmamos as vidas das ruas como espelhos invertidos de nossos modos de vida e subjetividade normatizados, operando como signos desestabilizadores e incômodos que nos esfregam na cara a falência de nosso sistema social, nossos pequenos desejos e modos de existir restritos que tomamos como vidas que valeriam a pena serem vividas. Os poderes, conforme Agamben notou, buscam constituir a ideia de povo sem fraturas, sua utopia fundamental é a unidade e as vidas das ruas são as rachaduras dessa busca pela totalidade unificada dos poderes.

Foucault traça uma relação, em “De outros espaços”, entre a utopia (espaços fundamentalmente irreais) e a heterotopia, que nos ajuda a pensarmos o que é a rua e o que são as vidas das ruas. Diz o pensador:^{8:415}

O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou: o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe.

Tomemos como justificativa para nossa assunção das ruas como heterotopia a edição número 12 do jornal Boca de Rua^{10:2} onde a publicação fala de duas cidades se encontrando dentro da cidade de Porto Alegre/RS:

Existem lugares em que as duas cidades, a dos ditos excluídos e as dos não-excluídos, se encontram. São os parques, as feiras, as praias do Guaíba, a Casa de Cultura Mário Quintana, o Gasômetro, e outros espaços culturais. Também no festival GLS ou no Mix Brasil. Nos shows do anfiteatro Pôr-do-Sol, nas muambas dos carnavais, nas festas como Nossa Senhora dos Navegantes e nos ensaios abertos das grandes escolas de samba

do Grupo Especial de Porto Alegre. No futebol também, porque tem ingressos baratos. Nessas horas, a cidade dos ditos excluídos aproveita a cidade dos abonados para vender jornais, cerveja; refrigerante, sacolés – tudo que um ambulante tem para vender. Ele se diverte, ao mesmo tempo que ajuda na limpeza, catando lata, recolhendo papéis, cuidando e lavando os carros dos ricos. Não é uma confraternização, porque tem muito preconceito, muita discriminação decorrente da desigualdade social. Esse congraçamento só ocorrerá quando houver distribuição de renda mais igualitária. Enquanto não ocorrer, sempre a cidade dos excluídos vai recorrer à outra cidade para suprir suas carências.

O jornal Boca de Rua é um dos raros jornais do mundo feito totalmente pela população de rua. Existe há 15 anos e possui atualmente tiragem de 12.000 cópias. As edições são trimestrais e todo valor da venda dos exemplares fica com o morador de rua que o vende.

Nas ruas há heterotopia e ela se dá como justaposição de territórios sociais, econômicos, políticos e geográficos, assim como de modos de subjetivação. Na rua encontram-se as vidas que se inscrevem – ou buscam ou sonham ou desejam arduamente – nos regimes de subjetividade garantidos pelos poderes, as subjetividades-luxo que carregam em si a divina trindade dos investimentos capitalísticos (ter uma casa, ter um carro e ter um emprego) e aquelas outras que Suely Rolnik chama de subjetividades-lixo.¹¹ O termo “capitalístico” é utilizado no trabalho de Félix Guattari e Suely Rolnik,¹² *Micropolítica: cartografias do desejo*, a fim de diferenciar o conceito de capitalismo apenas como sistema financeiro e estratégia de acumulação e concentração de capital, incluindo sob esse conceito, além desses processos, os investimentos dos poderes na formação de subjetividade. As subjetividades-lixo são vidas constituídas pela fantasmagoria

constitutiva da falta: a assunção tácita de que para quem vive na rua tudo falta – nossa crença inconfessada –, onde falta comida, moradia, potência criativa, capacidade inventiva, desejos que superem a subsistência... Estes fantasmas da ausência que recobrimos de valores para exorcizar o vazio de nossas próprias existências e constituições valorativas é delineada por Rolnik^{10:12} do seguinte modo:

Uma barreira imaginária separa os habitantes destes mundos, os quais tem sua consistência própria ignorada e encoberta por identidades-estigma, imagens fantasmagóricas por meio das quais são representados. Nestas imagens, a miséria material é confundida com miséria subjetiva e existencial, mais precisamente com uma miséria ontológica, a qual passa a definir a suposta essência destes seres. Isto faz com que lhes seja atribuído o lugar de subjetividades-lixo na hierarquia que rege a distribuição de categorias humanas nos mapas perversos deste regime [...].

Cremos, portanto, que ao lidar com um campo de inscrição do pesquisar tão múltiplo e enredado nas infinitas malhas dos poderes, valendo-nos da intuição bergsoniana e da cartografia deleuze-guattariana, fomos capazes de encontrar as bolhas no tecido dos valores que postulam as vidas das ruas de antemão no plano da falta; essas, as bolhas, encontram-se prenhes de potências como intuíamos. Essa foi a matéria de interação, forjamos em campo a pesquisa-interação e desta o produto vídeo-interação.

O vídeo ir vir permanecer

Nossa perspectiva filosófica e ferramentas conceituais estavam a postos para produzirmos encontros e possibilitar a criação conjunta que ansiávamos: era chegado o momento de conhecermos a vida das ruas e o jornal Boca de Rua se tornou nossa via de acesso (à rua, a ele

mesmo, aos seus atores sociais). O jornal, como já mencionado anteriormente, é um dos raros jornais do mundo feito totalmente por população de rua, mas deixemos então que o próprio periódico, em sua edição comemorativa de 15 anos,^{13:2} enuncie quem são e como surgiram:

O jornal Boca de Rua nasceu junto com o século XXI e com o Fórum Social Mundial para provar que outro mundo é possível de verdade. Em 15 anos fizemos uma revolução na vida de quem passou pelo projeto e também na cidade de Porto Alegre, que não nos enxergava e hoje nos vê. Seis meses antes, no inverno de 2000, os primeiros integrantes se reuniram na Praça do Cachorrinho com duas jornalistas da Agência Livre para Informação, Cidadania e Educação (Alice) e começaram a pensar o jornal. Tudo foi feito em conjunto, desde o nome, o logotipo, a maneira de trabalhar, de vender e de funcionar. Até as leis do Boca foram pensadas por nós. Apesar de nunca terem sido escritas, todo mundo conhece. Mais do que um jornal somos uma comunidade. Uma família de trabalhadores.

Aos sairmos ao encontro deste grupo, sabíamos que se tratava de um grupo de moradores de rua que exercitam parte de sua potência criadora na produção do periódico, emitindo há mais de 15 anos discursos do “fora”, ou seja, criando perspectivas a partir, sobre e das ruas, das vidas que se dão nesse abandono circunspecto característico das vidas nuas, como na linguagem de Agamben.⁹ Nossa primeira visita ao grupo ocorreu em reunião de pauta no mês de maio de 2015 e nesta mesma oportunidade apresentamos a proposta do vídeo, declarando desde o primeiro momento nossa posição filosófico-política que já carregava o “dito-não-dito” enunciado na proposição de constituição coletiva do vídeo. Este discurso “dizia sem falar” as variações múltiplas das seguintes palavras: *não estamos*

aqui por pena, não estamos aqui por compaixão, estamos aqui para afirmarmos outros modos de existir, porque no que concerne à potência de vida, só é possível criar entre iguais!

A proposta foi então apresentada do seguinte modo: uma vez que todos os discursos na grande mídia sobre população de rua nunca interpelam quem vive nas ruas, sempre falam os especialistas, políticos, acadêmicos, transeuntes e toda sorte de existências que não tenham experienciado os tipos de vidas sobre as quais emitem discurso, por que não invertermos essa posição e colocarmos as câmeras, falas, microfones, edição e pauta de entrevista nas mãos de quem vive na rua? O objetivo desta proposição que pode parecer simplória é duplo: causar curto-circuito na valoração subjetiva sobre a população da rua, que via de regra é tida de antemão como de sujeitos da falta (*Como podem estar com essa câmera na mão? É roubada? Eles sabem mexer nisso?*), e depositar nas inteligências das ruas todo o processo produtor e emissor de discursos, porque nessa experiência audiovisual seria a rua a interpelar a “sociedade” e a fazê-la falar, fazendo com que estranhamente aqui a última palavra sobre as vidas das ruas viesse a ser dada por elas mesmas.

Para se referirem às pessoas que vivem sob um teto e se inserem nos modos de vida garantidos pelos poderes, a população de rua costuma referir-se a este tipo existencial como a “sociedade”, não como o outro antagônico em uma relação dialética, mas como um outro que compõe, constitui e negocia infinitamente as relações de poder que esvaziam os modos de existir das ruas. Ao grupo do jornal Boca de Rua, quando da apresentação da proposta de produção do “vídeo-interação”, agradeceu a ideia apresentada e em reunião de pauta posterior foram construídas coletivamente as perguntas norteadoras das “entrevistas” que viriam a fazer com a “sociedade” no centro de Porto Alegre. Cabe notar que esta etapa da construção de

pauta para entrevista foi análoga processualmente a que é semanalmente feita pelo jornal para suas matérias, o que significa que foi, portanto, executada coletiva e agilmente pelo grupo.

O momento seguinte à constituição de pauta foi o de ir às ruas efetuar as entrevistas. Primeiro problema: com quais equipamentos? Após orçarmos aluguel de câmera e microfone, veio ao nosso encontro uma estudante de jornalismo, Joana Berwanger, que gentilmente emprestou sua câmera (e a partir daí passou a fazer parte da equipe de criação e edição do audiovisual). O microfone foi empréstimo do estudante de cinema (editor do audiovisual), Flávio Costa. Estavam, então, reunidos os elementos fundamentais para a feitura das entrevistas e, assim, em uma tarde fria de agosto de 2015, saíram pelas ruas principais do centro de Porto Alegre dois mestrandos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, um em Educação, outra em Artes Visuais, junto com Cícero, Valdemar, Deivyd, Diego e Ezequiel, integrantes do Boca de Rua.

A abordagem nas ruas ocorreu de modo aleatório e a primeira constatação interessante do processo foi da ordem de quem aceitava falar com os moradores de rua que os interpelavam: a maioria das pessoas que aceitaram falar aos jornalistas do Boca foram mulheres. Em determinado momento buscamos entrevistar homens de meia-idade, pois este tipo era o que mais claramente demonstrava espanto – e até mesmo aversão – ao verem moradores de rua abordando e entrevistando transeuntes. Nenhum destes homens aceitou falar para as nossas câmeras.

Circulando pelas ruas de maior trânsito humano da cidade de Porto Alegre interpelamos em torno de vinte pessoas, cerca de dez aceitaram serem entrevistadas e participarem da gravação. O nome do vídeo surgiu durante a edição final ao notarmos que o Cícero (que conduziu a maior parte das entrevistas do

vídeo) afirmava inúmeras vezes o direito de ir, vir e permanecer. Parecia-nos, portanto, que o direito à permanência nos espaços estriados e esquadrihados que se sobrepõem fantasmagoricamente sobre a cidade é precisamente onde emerge o falso problema ético em relação às vidas das ruas, uma vez que estas vidas importam – e sejamos claros, importam apenas na medida em que são incômodas e que representam ruídos existenciais – somente quando nos são um problema: enquanto dormem embaixo das fachadas de nossos prédios ou pedem dinheiro, comida, atenção, ombro amigo etc., porque é da ordem do inevitável encontrarmos essas vidas das ruas onde traçamos nossos caminhos diários; uma vez que não as vejamos, ou seja, que estejam ausentes, cessam de ser um problema. Nossas pequenas subjetividades atomizadas e ensimesmadas parecem crer que no corpo da cidade somos uma parte independente e autossuficiente.

Embora houvesse uma pauta previamente criada para as entrevistas pelo grupo do jornal, no decorrer das entrevistas o Cícero passou a improvisar questões e réplicas, sempre colocando a entrevista e entrevistado em relações cambiantes que visavam quebrar as respostas-clichê previamente concebidas e que buscavam agradar aos entrevistadores dizendo aquilo que acreditavam que gostariam ouvir, mesmo quando a entonação e gestos indicavam contradição entre o discurso e o que possivelmente algumas das pessoas entrevistadas efetivamente pensavam, como repararam Cícero, Deivid e Diego no decorrer das abordagens. Deste modo, seguindo guiados pelo acaso dos encontros e sem instruções técnicas de como operar os instrumentos de gravação, foi sendo tecido o Ir Vir Permanecer.

Entretanto, havia uma intenção de pesquisa não declarada de, após algum tempo de entrevistas, fazer os integrantes do Boca de Rua falarem. Após duas horas de interpelação à “sociedade” pelos moradores de rua, foram então

subitamente instados a mudarem de posição e a não mais ocuparem a função de fazer falar, mas a enunciarem a partir de si e do plano existencial que ocupam, três perguntas que divergiam das que propunham aos transeuntes enquanto eram entrevistadores. As perguntas que fizemos ao Cícero, Diego e Deivid eram as seguintes: O que tu carregas contigo e o que tu deixas no caminho de sentimentos, ideias, objetos e desejos? O que mais te alegra na vida? Quais são teus desejos?

Se as perguntas dirigidas à sociedade visavam à enunciação dos valores decalcados sobre a população de rua e como a população que não vive sob céu aberto, via de regra, constitui *fantasmagorias* existenciais sobre como deve ser o modo de existir daqueles que habitam as ruas, as perguntas dirigidas às vidas das ruas carregavam tacitamente – como objetivo – não mais a constituição da abstrata e desinteressante igualdade de clichês do tipo “todos somos humanos, todos sentimos fome e frio”, mas sim a afirmação de existências que desejam, se alegram, entristecem e, portanto, são potentes. Existem não só como *zoé* (vida nua), mas como *bíos* (vida pública). As perguntas buscavam fazer emergir as vidas e o viver das ruas, mesmo que esse valor lhes seja reiteradamente negado e obstruído. Não interessava uma conversa sobre o que falta, mas sobre aquilo que se afirma, se recolocando e expandindo indefinidamente no vir-a-ser do viver, o que Spinoza¹⁴ chamava de *conatus* (perseverar no ser): só permanece existindo aquilo que reage e expande suas forças, não o que subsiste e se diminui para não perecer. *Vontade de Potência à céu aberto* e constituição de *Grandes Saúdes peregrinas*.

As perguntas feitas aos moradores de rua buscavam indicativos e sinais de suas *grandes saúdes* ao modo nietzschiano, ou seja, a plasticidade de forças e desejos em jogo em suas existências, assim como suas impressionantes capacidades de tornarem saudáveis o que facilmente degradaria outros

modos de vida:

Saúde e caráter doentio: é preciso tomar cuidado! O critério de medida continua sendo a eflorescência do espírito, a força frontal, a coragem e a jovialidade do espírito – mas, naturalmente também, o *quanto de um elemento doentio ele pode assumir sobre si e superar* – o quanto ele pode tornar saudável. Aquilo que os homens mais ternos pereceriam pertencem aos meios de estímulo da *grande* saúde (grifos nossos).^{6:88-89}

Em *Ir Vir Permanecer*, Cícero dá a dimensão destas relações de forças que Nietzsche tratava sob o conceito de “Grande Saúde” e como sua fala dá conta da agrimensura que buscamos operar nas entrevistas com as vidas da rua:

Eu tenho 18 anos de rua, então aprendi a dividir as coisas. Quando eu saí para a rua, pelo motivo que eu saí, me tocava muito, então cada vez que eu me lembrava, eu me drogava, eu bebia, para esquecer. Mas no outro dia eu acordava com dois problemas, com a ressaca e com o problema que eu não tinha resolvido. Então a gente começa a piorar a situação. A gente começa a juntar tudo quanto é coisa. Tu arruma um carrinho, tu junta tudo, lixo misturado com roupa, roupa misturada com roupa de cama, comida com lixo. Tu perde a noção do tempo. Aí com o tempo na rua, tu vai vendo que tu pode ir melhorando. Tu já vai dobrando a roupa, tu vai colocando a comida em um saco separado, a roupa em outro saco separado, tu aprende a viver na mãe rua. Hoje estou me desligando desse cordão umbilical, mas que demora muito, vai doer, porque qualquer coisinha eu vou voltar pra rua. Tu sai da rua, mas a rua não sai de ti. [...] No abrigo onde eu estou tem pessoas muito pior que eu, que eu estou ajudando, e já me sinto bem ajudando os outros, pensei que eu não

poderia ajudar ninguém, mas eu posso. Tem pessoas de cadeiras de roda, sem perna, com três tipos de doença, duas sem cura e uma de seis meses de tratamento e estão dando risada, então a gente não pode chorar, porque a gente está bem.^{1:15}

Foi por meio dos encontros fiados não pela compaixão, mas pela noção de igualdade de potência para criar – igualdade no plano virtual de forças, não de equivalência, mas da miríade de potências que cada um abriga em si – que tornou possível a criação do audiovisual e da agrimensura dos discursos indicativos das relações éticas, sociais e políticas da assim chamada “sociedade” pela população de rua, tanto quanto a constituição de *atores* afirmativos dentre as vidas das ruas, criadoras de modos de existir, maquinadores de desejos e rearranjadores de existência tal qual um navio que no meio da tormenta se vê obrigado a mudar continuamente a direção de suas velas para não naufragar.

O audiovisual está disponível na Internet. *Ir Vir Permanecer* foi filmado em agosto de 2015 no centro da cidade de Porto Alegre por moradores de rua participantes do *Jornal Boca de Rua*. Neste vídeo foram interpelados transeuntes ao acaso nas ruas da capital gaúcha para questioná-los sobre como percebiam e o que pensavam da população de rua, tendo ao final do vídeo a fala de três dos integrantes do projeto sobre suas vidas, alegrias, tristezas e desejos. Ao contrário do habitual questionamento àqueles que não vivem nas ruas sobre a população de rua, o audiovisual colocou os moradores de rua na posição de repórteres, câmeras, entrevistadores, editores de todo processo criativo. Desde a constituição das perguntas feitas aos entrevistados até a edição final do vídeo, todas as etapas contaram com participantes do *Jornal Boca de Rua*. A ideia foi levada à cabo por seis integrantes do *Boca de Rua* sob a direção de Renato Levin Borges, mestrando em Educação, com

sustentação do orientador, Ricardo Burg Ceccim, apoio de Luiza Abrantes, mestranda em artes visuais, suporte material de Joana Gutteres Berwanger e edição de Flávio Henrique Costa. Não houve nenhum tipo de instrução prévia para o manejo da câmera e do microfone, privilegiando-se, assim, a captura do processo no dar-se em ato do vídeo. *Ir Vir Permanecer* integrou a dissertação de mestrado em Educação de Renato Levin Borges,¹⁵ como “pesquisa-interação”, ficando com o *Jornal Boca de Rua* para os usos que melhor qualifiquem. Foram entrevistadores Cícero Adão Gomes, Deyvid Pinto Soares, Diego Oliveira, Renato Levin Borges e Valdemar Severo do Amaral.

Considerações finais

Neste artigo buscamos traçar brevemente o itinerário teórico e *acontecimental* do pesquisar na rua que deu origem ao audiovisual *Ir Vir Permanecer* na intenção não de constituir qualquer sorte de método, mas demonstrar por meio da nossa experiência como alguns passos e escolhas podem ser operacionalizados, torcidos, desmontados e reagrupados em outras situações nas pesquisas com as vidas das ruas. Compreendemos que nossa pesquisa só se tornou criadora de produto audiovisual pela assunção da perspectiva de *atores* afirmativos e criadores de suas próprias (e eventualmente *grandes*) saúdes uma vez que reconhecemos e trabalhamos sobre a fantasmagoria subjetiva do sujeito da falta que costumamos decalcar sobre a população de rua.

Para constituirmos plano teórico-

Referências

- ¹Borges RL. *Ir vir permanecer* (audiovisual). [Internet] [citado em 5 Jul 2016]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8WAXAiA1jpE>>.
- ²Klossowski P. *Nietzsche e o círculo vicioso*. Rio de Janeiro: Pazulin; 2000.
- ³Bergson H. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Abril; 1974.
- ⁴Deleuze G. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34; 1999.
- ⁵Félix-dos-Santos C. *Encontros na rua: possibilidades de saúde em um consultório a céu aberto*. [dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2017.
- ⁶Nietzsche F. *Fragments póstumos: 1885-1887*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2013.
- ⁷Deleuze G, Guattari F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia – v.1*. São Paulo: Editora 34; 1995.
- ⁸Foucault M. *De outros espaços*. In: Foucault M. *Ditos e escritos III: estética: literatura e pintura, música e*

acontecimental e colocar no centro das relações a criação conjunta e a afetação mútua, buscamos em alguns conceitos filosóficos os elementos que possibilitassem os encontros potentes – “Alegres”, na terminologia de Spinoza, que tiveram lugar neste pesquisar de interação; “por Intuição”, de Bergson, para escaparmos das malhas da representação totalizante (sobrecodificação dos afetos e experiências) e inserirmo-nos nos encontros abertos às ondulações e à alternância contínua das rotas afetivas que o imprevisível coloca em seu horizonte; e “sob a Cartografia”, de Deleuze e Guattari. Ligamos a intuição bergsoniana ao método deleuziano e guattariano da cartografia porque não buscamos qualquer sorte de síntese, mas visualidade à paisagem das experiências intensivas.

Os encontros que teceram o produto audiovisual deram parte da dimensão afetiva e intensiva da proposta à execução desta, colocando a existência mesma do audiovisual corroborando a tese nietzschiana na qual a compaixão diminui as potências e para a criação é necessário não o sentimento piedoso para com aqueles e aquelas que vivem à céu aberto⁵, mas a aposta nas forças que compõem cada uma destas vidas limítrofes: suas condições os tornam espécies de malabaristas existenciais, capazes de criar e recriar modos de viver na corda bamba da existência, manejando continuamente a instabilidade do andar sobre a corda estendida da vida que apenas trapezistas deste tipo são capazes de dominar.

cinema. 2ed. Rio de Janeiro: Forense; 2009.

⁹Agamben G. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I. 2,ed. Belo Horizonte: Humanitas; 2014.

¹⁰Boca de Rua (Porto Alegre). 2004; 3(12).

¹¹Rolnik S. Alteridade a céu aberto: o laboratório poético-político de Maurício Dias & Walter Riedweg. In: Rolnik S. Posiblemente hablemos de lo mismo. Barcelona: Museu d’Art Contemporani; 2003. Catálogo da exposição da obra de Mauricio Dias e Walter Riedweg.

¹²Guattari F; Rolnik S. Micropolítica: cartografias do desejo. 4.ed. Petrópolis: Vozes; 1996.

¹³Boca de Rua (Porto Alegre). 2015; 14(56). Edição comemorativa 15 anos.

¹⁴Spinoza B. Ética. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2014.

¹⁵Borges RL. A grande saúde peregrina: vidas que constituem o jornal Boca de Rua. [dissertação]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2016.